

CONFLITOS NO MUNDO DA DUALIDADE

Saudações. Deus abençoe a todos vocês, meus queridíssimos amigos. Abençoada seja esta hora.

Neste caminho, estão passando por diversas fases. Em termos gerais, o primeiro nível que investigamos de sua mente inconsciente é onde abrigam impressões e conclusões errôneas que foram formadas em generalizações rígidas de diferentes aspectos da vida, o que chamamos de imagens. Algumas delas podem ser insignificantes em si, mas importantes o suficiente para distorcer sua vida de muitas maneiras.

Atrás ou em baixo do nível mais superficial de seu subconsciente, penetramos em um nível no qual é travada uma batalha entre opostos, o mundo da dualidade. Isso cria em sua vida uma tremenda confusão. A confusão da dualidade existe em muitos aspectos. Está relacionada às grandes questões, bem como às aparentemente menores. Os grandes opostos são vida e morte, felicidade e infelicidade, amor e egoísmo, luz e escuridão. Sua confusão acontece porque uma atitude com relação à vida, que deveria levá-los à meta desejada, com frequência traz (pelo menos em parte) a indesejada. É preciso muita honestidade consigo mesmo e conscientização para entender esse fenômeno e detectar o erro interno de ação e reação de sua parte, que é responsável por esse resultado confuso.

A religião simboliza estes opostos como a batalha entre Deus e o Diabo. Diz-se que a confusão é o recurso de Satã para confundir a humanidade, de modo que esta não possa mais distinguir entre o caminho de Deus e o do Diabo. Aquilo que é intrinsecamente egoísta e destrutivo, em nível superficial, frequentemente aparece como sendo honrado e sagrado e vice-versa. Isso representa a grande batalha entre as forças da luz e as forças das trevas, a qual humanidade erroneamente imagina que vem se alastrando fora de si, enquanto que como mera vítima está no meio do conflito.

Com frequência, escolher entre as alternativas com que se confrontam no dia a dia gera confusão. A diferença entre “bom” e “mau” não é uma diferença crassa e ambos se originam de um conflito básico na alma humana.

A psicologia moderna reconheceu o mesmo problema fundamental. Sua denominação para ele é instinto de vida versus instinto de morte, ou princípio do prazer versus princípio da realidade. Em conexão com o princípio da realidade, no entanto, também existe confusão. Com frequência, não fica claro qual deles representa Deus e qual o Diabo. O princípio do prazer é egoísta, portanto, destrutivo? É possível entregar-se a ele sem machucar os outros? E seria o princípio da realidade dever, responsabilidade, trabalho, empreendimento, portanto, construtivo? Por outro lado, é dito

que Deus é felicidade, bem-aventurança, luz; o princípio do prazer os faz ansiar por isso. Quer saibam disso ou não, estão imersos em uma das maiores confusões da humanidade. Será preciso muito mais trabalho de sua parte até que obtenham mais clareza e discernimento. Mas, por enquanto, seria mais construtivo tornarem-se cientes de que essa confusão existe a priori.

Em todos os conflitos dos quais conseguiram se tornar cientes no transcorrer do trabalho que estão fazendo neste caminho, o conflito subjacente está sempre relacionado ao mundo da dualidade. Por trás de suas imagens e conceitos errôneos, sempre encontram conflito. De uma maneira ou outra, sempre se dão conta de que estão indecisos entre duas (às vezes mais) atitudes, estilos de vida, alternativas. Desnudando-as de suas motivações sobrepostas, no cerne vocês estão fadados a encontrar os opostos básicos.

Mas no nível em que estão divididos pela confusão entre os opostos, ainda não é a essência. Existe algo por trás dele que é a origem do mundo da dualidade, do mesmo modo como o mundo da dualidade é o local de origem de suas imagens. Por mais estranho que pareça, essa origem subjacente se torna no próximo nível, um dos lados dos opostos. Em outras palavras, aquilo que é um núcleo unificado, no próximo nível de consciência se divide em dois opostos. Esse âmagô subjacente é o seu anseio por felicidade completa, luz, amor, bem-aventurança, paz. O anseio original é pela felicidade suprema, mas a vida na Terra proíbe tal realização. Essa proibição cria o mundo da dualidade, portanto, o conflito. Mas é igualmente verdadeiro dizer que o mundo da dualidade criou a proibição, criou as condições de vida na Terra que fizeram da “realidade” algo que se opõe ao princípio do prazer, falando em termos psicológicos ou em termos espirituais, que se opõe ao princípio divino da bem-aventurança.

Isso os coloca em um círculo vicioso. Como liberar-se dele- como encontrar seu caminho para a luz da verdade – essas são questões significativas. Em primeiro lugar têm que compreender, pelo menos em parte, o que é responsável por o homem ter criado uma dualidade a partir de um único núcleo. A vida na Terra contém a morte física. Mesmo que removamos muitas das misérias da vida por serem desnecessárias e criadas a partir da confusão, mesmo assim a morte física permanece. E a morte física continua sendo um mistério. É desconhecida, portanto, assustadora, apesar da crença religiosa. Parece ser um fim e como tal, em crassa oposição ao anseio do homem por vida. E a vida em essência, significa bem-aventurança. No entanto, todas as explicações religiosas por mais verdadeiras que sejam, ainda são uma conjectura. Assim, seguindo até a conclusão em sequência lógica vemos que o medo da morte cria o mundo da dualidade e o mundo da dualidade cria a realidade que é proibitiva ao anseio do homem por realização completa. Isso restringe a margem e nos deixa com o problema da morte. Enfrentando-a podemos quebrar o círculo vicioso.

A humanidade tenta lidar com esse problema durante toda a sua existência. Infelizmente, a maneira como o homem tentou estava fadada ao fracasso. É tão insatisfatória quanto fazem tentativas inconscientes de solucionar o assim chamado problema psicológico em sua vida por meio de atalhos, evasões e com medo de encarar o problema de frente. Em vez disso, sobrepõem respostas já prontas que podem até mesmo ser verdadeiras como tal, mas que não são verdadeiras para vocês, porque não chegaram a elas por meio da força e coragem que advêm somente de encarar a questão e sim as evitando por medo e fraqueza. Essa é uma maneira de lidar com o problema. A maioria das pessoas religiosas, aferrando-se à fé por medo, é um protótipo dos que tendem a se empenhar dessa maneira.

Outra tentativa é a negação. Negação exatamente daquilo que a pessoa mais anseia, pelo terror de nunca consegui-lo e, dessa forma, a disparada em direção àquilo que mais se teme. Essa autodestrutividade pode ser encontrada em todos os níveis. Esta funciona em sua atitude com relação a aspectos menos significativos da vida, mas trata-se basicamente de sua maneira de “lidar” com o problema da morte. O protótipo é o ateu, materialista. Ambos os tipos não percebem de fato que em essência, estão fazendo a mesma coisa. Devem estar em violenta oposição um ao outro porque cada tipo representa o oposto daquilo que inconscientemente acredita ser a solução para lidar com o grande problema. Nenhum deles encontrou a resposta. A resposta precisa surgir do eu. Pode surgir apenas pelo enfrentamento corajoso desses problemas, questões, confusões, medos e do exame da sua maneira de “lidar” (até agora) com o problema.

Quando falo do anseio por Deus, é distante e abstrato. Quando imaginam a bem-aventurança divina tal como um ser espiritual desfrutaria, a associação automática talvez inconsciente, costuma ser bastante diferente da felicidade que seres humanos anseiam. Vocês a imaginam como algo chocho, estéril, aborrecido, desinteressante. Existem muitas pessoas que acreditam que a mera presença da infelicidade torna a felicidade apetitosa. Claro que, não é esse o caso. Uma vez que a palavra “felicidade” lembra uma espiritualidade tão vaga e distante, vamos escolher outra palavra. Escolhamos o termo “prazer supremo” em todos os níveis de seu ser. Seu anseio profundamente arraigado por esse “prazer supremo” está constantemente em conflito com a realidade como a conhecem na Terra, e isso é o resultado de sua incapacidade de aceitar a morte.

A psicologia moderna alega que esse anseio profundamente arraigado tem origem no desejo do homem de retornar ao útero materno, onde viveu um estado de ser sem preocupação, responsabilidade nem adversidade. Quando cresceu, se confrontou com a realidade da vida, portanto, o esforço se torna mais forte. Na verdade, esse anseio vem de um tempo mais remoto. Ele tem origem no fato de que o homem tem em seu espírito, a vaga memória da vida em outro estado de consciência, quando não conhecia nada senão o “prazer supremo”, a bem-aventurança suprema, sem nenhuma oposição. Gradualmente, até certo ponto podem recapturar esse estágio, mesmo enquanto ainda estão encarnados. Não basta remover suas imagens e conclusões errôneas. Mas fazendo isso estão fadados a encontrar o nível do mundo da dualidade. Quando compreenderem profundamente o processo em essência, estarão frente a frente com sua luta contra a morte ou contra o antiprazer, se é que posso chamá-lo assim.

Como indiquei anteriormente, há duas maneiras principais pelas quais o inconsciente tenta lidar com a morte. Ambas se baseiam na negação – uma pela evasão e a outra pela precipitação deliberada. Em ambas as alternativas, lutam tensamente contra a morte. E não lutam menos quando optam deliberadamente pela morte devido ao medo que os faz se encolher no espírito negativo de fraqueza. É completamente diferente em face da aceitação sadia, pela força.

Quando uso a palavra “morte” não me refiro apenas à morte física. Eu me refiro a todos os aspectos negativos da vida, tudo o que se opõe ao instinto de prazer. Significa até mesmo mais do que a infelicidade. Também significa perda, mudança, o desconhecido. O desconhecido pode conter algo melhor do que o estado em que se encontram, mas exatamente pelo fato ser desconhecido, se torna aterrorizante. Tudo isso significa morte de pequenas maneiras. Não existe um ser humano que não morra muitas mortes a cada dia.

Sua atitude com relação à morte, em todos os aspectos, determina sua capacidade de viver e vivenciar prazer. Quanto mais saudável for sua atitude em relação à morte, mais a força vital poderá fluir através de vocês. Isso significa que mais saudável e mais duradoura será a gratificação de seu instinto de prazer.

O primeiro passo é detectarem quão tremendamente lutam contra a morte. Precisam se tornar totalmente conscientes disso da mesma forma como precisam se tornar totalmente cientes do constante anseio pelo prazer supremo. Na verdade, ambos podem estar muito escondidos. Descubram qual das duas tentativas escolheram para lidar com a morte, seja a evasão ou aquela em que temem e se inclinam em direção a ela pelo próprio medo. Ambas estão sempre presentes em cada ser humano, mas uma pode ser predominante. Na segunda tentativa, sabotam a felicidade que poderiam ter por tanto medo de perdê-la novamente ou de não conseguí-la até o ponto ditado por seu desejo. Isso acontece no espírito de “é inevitável por isso talvez seja melhor eu acabar com isso de uma vez”. Um exemplo crasso desse procedimento é o suicídio.

Assim, estão constantemente divididos entre duas tentativas insatisfatórias e nocivas de negar a morte. Essas tentativas artificiais, forçadas e limitadas os trazem mais próximos daquilo que desejam evitar, bem como perdem aquilo que desejam ganhar. Assim, não é na aceitação propriamente dita da morte que encontram força e cura. É como fazem isso. Se o fazem por medo e negatividade, ambos levando à autodestruição é totalmente diferente da aceitação sadia e forte do inevitável. Encarando-a sem se acovardar aprenderão a aceitá-la como devem fazer e assim liberarão a força vital que permanece contida enquanto não aprenderem a lidar com a morte de maneira sadia.

Por outro lado, sentem difusamente que na aceitação reside a solução. Ainda assim, também sentem que na aceitação reside a aniquilação. Isso os confunde, mas enquanto essa confusão não for consciente, não podem encontrar a saída desse labirinto.

Por causa dessa confusão, o homem com frequência recorre à religião, em qualquer de suas variadas formas. Mas, nesse espírito, acontece em decorrência da evasão e do medo, da negação e da covardia de confrontar aquilo de que tem mais medo. Assim, independentemente de quão verdadeiro seja o que acredita a religião não o ajudará realmente, da mesma forma que o tipo errado de aceitação não o ajuda. Esse tipo de religião não ajudará porque é aceito como resultado da fraqueza, o que representa uma poluição de suas motivações. Ele percebe profundamente a inverdade de suas motivações e despreza a si mesmo por isso. Além disso, a fé sobreposta não tem nenhum poder real de ajudá-lo. Aceita Deus e tudo o que implica, não por causa de uma convicção real, nem de um discernimento autêntico, profundo e sincero, mas porque tem medo. Desta forma, os inimigos da religião costumam estar certos quando afirmam que esta é um “opíáceo”. Da mesma forma, os inimigos do materialismo estão certos quando se colocam contra ele. Esse é o caso, não apenas porque a visão materialista do mundo não é verdadeira, mas também porque a motivação de aceitá-la é tão equivocada quando o “ópio da religião”.

Quando mais examinamos esse assunto, mais nos damos conta de que a solução reside em enfrentar o desconhecido, confrontar o medo e adquirir a força para morrer. Aquele que sabe como morrer, sabe como viver.

Nem é preciso dizer que não precisam esperar até que a morte física, propriamente dita, aconteça para aprenderem isso. Não só seu medo ocasionalmente consciente da morte, ou de suas

derivações poderá ajudá-lo, mas também todos os outros aspectos da morte que fazem parte da vida no dia a dia. Aquele que não sabe como morrer, não tem como viver. Não consegue conciliar opostos. Não consegue conciliar o dualismo em sua própria alma. Assim, não consegue libertar a força vital que reside em si sem ser utilizada.

Pensem também na sua fé, meus amigos. Não tenham medo de reconhecer que, em maior ou menor grau, trata-se de uma superposição intelectual a qual se aferram por causa de sua fraqueza e de seu medo. A própria força da admissão franca lhes proporcionará e lhes permitirá construir fé real, fé genuína, a convicção, o saber, bem como vivenciar a experiência interior das verdades que até então, só conhecem intelectualmente. Isso virá depois que tiverem aprendido em certa medida, a lidar com a morte no seu sentido pleno. Enquanto sua capacidade de morrer se basear em um conhecimento sobreposto de que a vida segue e a morte é uma ilusão, sua fé será construída na areia. Mas se derem o grande e corajoso passo de encarar a descrença, a incerteza, e o medo – aceitando o desconhecido se e quando se tornar necessário, e construir essa força – somente então a verdadeira convicção e a experiência da verdade espiritual se tornarão parte de vocês. Poderão se tornar parte de vocês porque terão então, aprendido como viver. A força vital será liberada e muito do seu anseio por bem-aventurança será preenchido enquanto ainda na Terra.

Busquem e encontrarão a área de seu ser que se aferra à vida somente a fim de evitar a morte. Essa motivação contém negação e assim, a força de vida também é negada. Mas se enfrentarem a morte em paz, seu abraçar a vida será feito com espírito positivo que, por si só, solucionará o problema da dualidade, visto que a dualidade tem origem na negação. Ao longo da estrada do desenvolvimento e do crescimento é preciso lidar com esse problema. Para alguns mais cedo, para outros mais tarde, mas precisará acontecer a todos.

Não tenham medo de serem desleais ao encararem a sua fé, onde é sobreposta devido ao terror. Assim, cultivarão a maior das forças no conhecimento, na aceitação da incerteza de morrer um pouco a cada dia, não por evasão, não por negatividade, mas como parte integral da vida. Na medida em que crescerem nessa direção, a força vital fluirá e lhes dará um antegozo do que é a verdadeira felicidade, o prazer supremo, a verdadeira segurança, mesmo enquanto ainda estiverem no corpo.

Muitos aspectos da vida civilizada são obstáculos para a bem-aventurança suprema que se poderia ter em algum grau, mesmo na Terra. Mas são um resultado direto da dualidade interna que resulta da inabilidade de morrer. A vida civilizada impõe constantemente, alternativas entre prazer e desprazer. Por exemplo, consideremos o trabalho – um trabalho que nem sempre está de acordo com suas habilidades criativas e inclinações, portanto, não está de acordo com seus gostos ou prazer. Além disso, as condições de trabalho com todos os “ter que”, todos os diversos aspectos resultantes de fatores políticos, econômicos e sociológicos que são resultado da dualidade interna – demandam esforço por viver que incentiva a ambição, impulsos, compulsões. Além disso, frequentemente confrontam o indivíduo com obrigações desnecessárias – que podem ser necessárias na estrutura de sua vida atual na Terra. Tudo isso cria um princípio de realidade que se coloca em crassa oposição ao anseio pela felicidade que poderia ser sua, bem como a realização. O problema interior individual que discutimos aqui produziu coletivamente, um estado de civilização que torna a vida desnecessariamente difícil. E à medida que cada pessoa começa a encarar o problema, ajuda a mudar o mundo e estas condições de maneira extremamente sutil, mas não obstante, decisiva. Sua realidade frequentemente desagradável é em muitos aspectos desnecessária e surge como manifestação coletiva da dualidade interna. À medida que começam a se dar conta do problema interno, tornam-se capazes

de lidar com a realidade desnecessária, não somente de maneira muito melhor, mas também ajudando a mudá-la.

Há mais um conflito e confusão a este respeito que gostaria de mencionar neste momento. No decorrer deste trabalho, talvez tenham se tornado cientes do desejo de felicidade, amor, realização – ou nas palavras que usei esta noite, de prazer supremo. Descobriram que muito desse anseio representa a falta de satisfação quando criança que agora se manifesta na ânsia exagerada. Aprendem a distinguir entre o desejo saudável de amor maduro e a necessidade infantil e urgente de ser amado. Com essa consciência libertam-se, em certa medida, da necessidade ansiosa. Não obstante é necessário que compreendam de onde se origina a demanda descomedida. As palavras desta noite os ajudarão a explicar o porque da criança ter necessidade excessiva. Esta precisa vir de alguma parte e como disse, se origina da vaga memória incrustada no espírito. Vocês podem se perguntar, “Se esse desejo tem origem divina, por que então não é saudável?” A resposta é: porque é impossível ter demandas tão excessivas gratificadas nesta Terra com a realidade que a humanidade criou. A resposta também não está completa quando dizemos que a ânsia infantil é unilateral, enquanto o amor maduro é a disposição de dar e amar tanto quanto o indivíduo deseja receber. Porque no adulto, a ânsia infantil se mescla sutilmente com a capacidade para o amor maduro, de sorte que o argumento do indivíduo sempre será, “Se eu conseguisse encontrar tal amor, estaria disposto a dar-me por inteiro.” É frequentemente verdadeiro. Assim, a resposta precisa ser ainda mais profunda. A diferença entre desejo e ânsia imaturos e desejo maduro de amor e prazer supremo não é determinada pela intensidade, mas pelo elemento temporal por um lado, e pela ilusão do eu versus a outra pessoa, por outro lado.

Há com frequência um conflito quando a gratificação da realização de um desejo pode ao mesmo tempo ser prejudicial para a outra pessoa. Isso pode torná-los egoístas. Assim, precisam decidir entre seu prazer que é propósito divino e o desprendimento que também é propósito divino. Como se deve lidar com essa dualidade? Talvez se lembrem da palestra recente que proferi sobre “A grande transição no desenvolvimento humano”. Nela, mostrei a ilusão do eu contra o outro. Isso não existe. Não é possível vivenciar a verdadeira bem-aventurança em detrimento de outro alguém. Mas a compreensão dessa verdade virá somente à medida que prosseguirem neste caminho, passando por todas as etapas pelas quais os guio. A visão mais ampla será obtida por uma reflexão sobre o elemento temporal. A gratificação instantânea – o jeito da criança – com frequência impõe a alternativa entre o próprio prazer e o prazer da outra pessoa. No entanto, na visão de espectro mais amplo, isso deixa de ser verdade. Quanto mais madura a pessoa for, melhor conseguirá conectar causa e efeito, mesmo que não estejam próximos um do outro. O tempo é produto do seu mundo de ilusão. Portanto, o lapso de tempo existente entre causa e efeito faz grande diferença para sua compreensão e avaliação. Quanto mais a pessoa amadurece espiritual e emocionalmente, mais supera a ilusão em todos os aspectos e, embora ainda permaneça no tempo, começa a sentir seu caráter ilusório. Praticamente, isso se manifesta em sua capacidade de ver causa e efeito, mesmo que não se deem em sucessão direta. Caso sigam um a outro em sucessão direta, mesmo a criança muito pequena começa a conectá-los, aprendendo com isso. O processo de crescimento é, portanto, determinado também pela habilidade de conectar causa e efeito, mesmo quando separados em relação ao tempo.

Para aprenderem isso, precisam conectar causas e efeitos passados e presentes. Aprendem isto de qualquer maneira em seu trabalho no caminho. Mas, além disso, precisam cultivar a paciência caso a questão diga respeito ao presente. Se seu instinto visa a satisfação de um desejo que leve ao seu prazer e interfere na outra pessoa ou se por outros motivos, não puderem receber imediatamente a gratificação pela qual anseiam ao cultivarem essa perspectiva mais ampla e ao removerem a ins-

tantaneidade do desejo (que em si mesmo é saudável), verão a lei seguindo seu curso natural. Começarão a se elevar para fora do tempo em certo grau. Assim, o problema da felicidade versus egoísmo existe somente no relativo elemento tempo.

Quando seu anseio por felicidade não é instantaneamente satisfeito, também isso aparenta a “morte”. Com frequência, parece uma angústia desoladora e nesse sentido se parece com a morte para vocês. Quando abrem mão da gratificação instantânea com a atitude de ainda assim, desejar obter em princípio aquilo que buscam, corresponde à maneira saudável de lidar com a morte. A desistência do desejo propriamente dito corresponde à aceitação doentia da morte. E à medida que se tornam mais fortes da maneira saudável, vivenciarão o fato de que na verdade, terminam por satisfazê-lo conforme seu crescimento. Dessa forma, não têm como evitar se tornarem conscientes da ilusão da morte física real, não pela sobreposição intelectual, mas por sua força para lidar com a morte que se dá pouco a pouco, diariamente e que é confrontada da maneira saudável.

Uma vez que tiverem superado esse conflito, o caminho será suavizado em direção à verdadeira força de viver, que reside na força de morrer.

Alguma pergunta com relação a este assunto?

PERGUNTA: Você pode nos mostrar como abordar esse assunto em nossa vida cotidiana, neste trabalho? Como podemos aprender a eliminar o tempo?

RESPOSTA: Esse é um mal entendido. Não é possível eliminar o tempo enquanto se vive na Terra. Pode-se somente desenvolver uma compreensão diferente, uma visão mais ampla. Causa e efeito se aproximam, portanto, o caráter ilusório do tempo diminui em sua percepção dele. Começam a pressentir algo por trás de seu tempo. A melhor abordagem prática, para começar, é o processo que estão usando neste trabalho. Todos vocês começaram a trabalhar neste caminho com a convicção de que os contratempos em suas vidas eram causados por faltas de outras pessoas ou por um destino cruel. À medida que prosseguiram, descobriram não como teoria, mas como fato, que suas próprias reações ou atitudes eram responsáveis por tais ocorrências. Isso lhes chegou como uma revelação maravilhosa. Talvez ainda não tenham tal sucesso em cada aspecto de suas vidas, mas já começaram e agora podem conectar causa e efeito. Eram incapazes de fazer isso antes, visto que a causa e o efeito não estavam próximos um do outro. Uma investigação cuidadosa, no entanto, revelou a conexão. Quanto mais problemas encontram, portanto, os resolvem, mais proximamente passam a perceber o caráter ilusório do tempo. Assim, a esse respeito, têm uma nova atribuição de trabalho a abordar e quanto mais o fizerem, mais definitivamente perceberão outra dimensão por trás do tempo. Não quero usar a palavra eternidade. A outra dimensão por trás do tempo ainda não é a definitiva, visto que por trás dela ainda há outra coisa, algo mais para o qual não tenho palavras à minha disposição. A percepção do elemento ilusório em que consiste o tempo lhes mostrará que não existe conflito entre a sua felicidade e a felicidade de qualquer outra pessoa.

Quanto à abordagem prática ao aprender a encarar a morte na sua vida diária é tão autoexplicativo que nem preciso me estender a esse respeito. Trabalhem primeiro rumo ao reconhecimento e à consciência da corrente básica de seu anseio por prazer supremo, bem como à sua apreensão da morte em todas as suas facetas. Por meio da análise de seus diversos estados de espírito e emoções, não deve resultar muito difícil. Trata-se de uma questão de concentrar sua atenção. Seus pequenos medos, apreensões e ansiedades diárias representam uma forma de morte pessoal. Em seguida, ve-

jam como realmente reagem a ela. Certifiquem-se com relação à quais aspectos usam cada uma das duas maneiras incorretas na abordagem emocional. Aprendam a se tornar conscientes de tudo que os faz encolher de medo. Não reprimam nada. Verão então, que não apenas temem o negativo como também a mudança, porque é desconhecida. Trata-se da grande batalha entre outro par de opostos. Um é o espírito que se lança e avança, o outro é a suposta segurança da mesmice. A estagnação é distorção do elemento no qual consiste a atemporalidade do ser.

Vocês podem dizer que estão cientes de seu anseio por felicidade, bem como de seu medo do negativo. Não, meus amigos, ninguém está ciente, nem mesmo na extensão mínima da existência das duas correntes. Tanto é “afastado pelo condicionamento” se é que posso usar essa expressão. Este trabalho precisa ter foco mais claro e consciência do que basicamente anseiam e do que temem. À medida que a consciência aumentar compreenderão o que estou falando esta noite.

PERGUNTA: Não entendo quando diz que nossa realidade é negativa, o que nos faz termos medo dela. Foi isso que entendi você dizer.

RESPOSTA: Existe a morte física e a doença; existe o mundo da matéria fadado ao declínio. Existe esforço e trabalho pela subsistência diária. Existem obrigações impostas a vocês das quais podem não gostar. A vida é uma constante mudança que traz perdas e fatores desconhecidos que geram ansiedade. Todos esses fatores parecem bloquear o caminho rumo àquilo que desejam – a gratificação de seu desejo de prazer supremo. Não gostam disso, mas é sua realidade nesse estágio de evolução.

PERGUNTA: pode explicar um pouco mais claramente como a aceitação saudável se opõe à aceitação doentia, por exemplo, no caso de um mártir?

RESPOSTA: A maneira doentia contém acima de tudo, um espírito de derrotismo. Como indiquei anteriormente, o próprio medo de uma ocorrência os faz se precipitarem nela. Seu desejo reprimido do exato oposto àquilo que temem, evitável ou não, os faz abandonar o próprio desejo. A maneira saudável é: “Sim, a morte não é bem-vinda. Realmente não sei o que irá acontecer, portanto, não gosto dela. Mas faz parte da vida e quando vier ao meu encontro, serei forte o suficiente para aceitá-la. Outros passaram por isso e assim também o farei. Eu a encontro com total ciência de minha incerteza. Agora me dou conta de que ainda a temo, mas aprenderei a aceitar o que não pode ser evitado e assim perderei o medo.” Isso também se aplica, logicamente, a qualquer outra faceta negativa da vida e pode ser praticado a cada dia. É muito difícil expressá-lo em palavras. Talvez visualizar um movimento da alma de tensão e desprendimento os ajude a entender. Quando se debatem tentando se afastar de algo amedrontador, se tencionam e se retiram. Esse exato esforço os empurra na direção do que temem. A coragem, encarar honestamente o eu e a atitude relaxada produzirão força. A falta desses atributos os empurrará na direção temida ou os fará fugir. Ambos têm o mesmo resultado final – a negação.

PERGUNTA: Qual a sua atitude em relação ao asceta? Ele está fugindo de tudo? Ele enfrenta a realidade? Ou a está evitando?

RESPOSTA: Em geral, um asceta tenta pagar para eximir-se daquilo que teme. Abre mão de todo prazer e felicidade impondo-se privações. Em outras palavras, opta por atribulações desnecessárias por temer tanto outro tipo de dificuldade.

PERGUNTA: E quanto ao asceta espiritual?

RESPOSTA: Exatamente o mesmo. Frequentemente trata-se de grande autoengano e completa negação da força vital. O princípio de morte é temido em tal medida que a força de vida é completamente negada. É uma forma muito autodestrutiva e nociva de “lidar” com a morte.

PERGUNTA: Como explica o prazer supremo que advém da maestria na realização e na conquista dos chamados problemas desagradáveis?

RESPOSTA: Aqui, mais uma vez, depende da motivação e da maneira como é feito. Se for genuína e saudável, o processo que descrevi foi vivenciado. Visto que a dualidade é resultado da negação, pode-se encontrar a saída da dualidade somente deixando-se de negar e enfrentando a questão. Isso mostrará a unidade por trás da dualidade, de modo que o prazer e a dor se tornam um só. Mas também existem maneiras imaginárias, sobrepostas, portanto, doentias de fazer isso que não passam de ilusões.

PERGUNTA: O estado saudável não nega a ênfase no desagradável?

RESPOSTA: Não. Diria que é exatamente o oposto. A morte deixa de existir, mas isso acontece de maneira genuína somente depois que tiver sido combatida por meio de se enfrentar o fato de que para vocês ela ainda existe. Negando-a, correm o risco da negação e evasão. Se vocês se aferrarem artificialmente ao resultado final, provocarão exatamente o efeito oposto. Não podem negar aquilo que ainda existe para vocês.

PERGUNTA: Trata-se de vida e morte, ou de vida ou morte?

RESPOSTA: Trata-se de vida e morte.

PERGUNTA: Portanto, não poderia ser desagradável. Caso contrário, seria vida ou morte. Assim, a morte deve ser um prazer. A atitude saudável não nega consequentemente a ênfase no desagradável?

RESPOSTA: Não confundamos o resultado final com o caminho rumo a esse resultado final. Muitas filosofias religiosas ensinaram a verdade. Mas o resultado final foi usado com a finalidade de se esquivar a enfrentar o que parece desagradável, ainda que não seja por outro motivo senão o de ser desconhecido. Para que possam verdadeiramente vivenciar o fato de que a morte é prazer – de maneira saudável – primeiro precisam passar por sua própria distorção, na qual a morte parece ser desoladora e assustadora. Somente depois de passar por isso, terão a compreensão que vida e morte são uma só coisa e que prazer e dor são um só.

PERGUNTA: Não é igualmente uma ilusão pensar que os problemas da vida cotidiana e as coisas obtusas com que a pessoa se depara são desagradáveis? Estas não são agradáveis para aquele que as tiver dominado? Portanto, de fato nega o princípio do desprazer, exceto em termos de um estado doentio quanto à atitude?

RESPOSTA: Quando chegar a esse estado, pensará dessa forma. Mas até que uma pessoa possa chegar a esse estado, seria perigoso tentar se convencer. Isso já foi feito em demasia. É preciso que se tenha muito cuidado, visto que a evasão e o autoengano estão sempre à mão. A tentação é tão grande para a humanidade que ela teme enfrentar a verdade. A verdade nunca é desagradável, mas com frequência parece assim em seu estado de realidade temporário e sua visão distorcida. O homem precisa se desprender de uma verdade à qual ele próprio não chegou e nesse ínterim, enfrentar a inverdade que ainda vive nele. Precisa chegar ao difícil abismo da ilusão que para ele ainda é um abismo.

PERGUNTA: Acredito que isso tenha a ver com a interpretação da palavra “negar”. Se “negar” for interpretado como “não existente” então é falso. Mas se a negação for interpretada achando-se que não é um fator real, então é diferente.

RESPOSTA: Sim, é verdadeiro. Mas veja que há tantas denominações religiosas humanas que originalmente pregavam a verdade quando ensinaram a negação da morte. Mas, o homem devido à sua inclinação de chegar ao resultado final por meio de atalhos, a fim de evitar o desconforto de enfrentar o abismo ilusório, se ateve a tais palavras e as usa indevidamente. O resultado é a fé sobreposta à qual se aferra por medo e fraqueza. Portanto, sejamos cuidadosos e tenhamos sempre em mente que o que parece mais assustador – a morte em todos os seus aspectos – deve ser enfrentado até que se negue a si mesma.

Esta não foi uma palestra fácil, meus amigos. Ela lhes dará muito em que pensar e material para progresso. Não hesitem em perguntar qualquer coisa que não tenha ficado clara. Se houver um número suficiente de perguntas importantes, organizaremos outro período de perguntas, de acordo com suas necessidades.

Sejam abençoados, cada um de vocês. A força e o amor divinos os envolvem. Isto é uma realidade. Que possam senti-la e levá-la consigo para suas vidas. Sejam abençoados. Fiquem em paz. Estejam em Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.